

PRAÇA XV E SUAS REPRESENTAÇÕES: fonte de informação e memória da história de Florianópolis

Kariane Regina Laurindo¹

Morena Porto²

Tânia Regina Da Rocha Unglaub³

Resumo: A Praça XV de Novembro, em Florianópolis, Santa Catarina (BR), conta várias histórias a quem por ela passa. É uma fonte de informação aberta, proporcionando debates sobre a representação e o silenciamento de muitas narrativas. Pensando nesse contexto, o que a Praça XV pode representar para o movimento antirracista em Florianópolis? Este artigo faz parte de uma pesquisa que visa, por meio da história da Praça XV de novembro, conhecer uma história que está no silêncio do esquecimento. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica e descritiva, com abordagem exploratória *in loco*, fundamentada em estudos sobre memória, lugares de memória e monumentos, além de obras que discutem fontes de informação não bibliográficas. O corpus investigativo selecionado nessa Praça é composto pelo Monumento aos voluntários catarinenses na Guerra do Paraguai bem como os bustos de Cruz e Souza, José Boiteux, Victor Meirelles e Jerônimo Francisco Coelho. Observar a Praça XV de novembro como espaço público, com função pedagógica de lugar de memória, possibilita conhecer histórias que não devem ser esquecidas. Por isso, é preciso repensar seus monumentos e o que eles representam. Portanto, tratar a Praça XV como fonte de informação é considerar, além da história de origem de Florianópolis, todos os que dela fizeram parte. Para tanto, é preciso estar atento às narrativas que ali foram esquecidas e silenciadas e fazer desse espaço um ambiente de aprendizagem, não só de estética.

PALAVRAS-CHAVE: Praça XV de Novembro de Florianópolis. Monumentos. Informação e Memória. Práticas e representações. Fontes de informação.

1 INTRODUÇÃO

Em 25 de maio de 2020, George Perry Floyd Jr., homem negro, foi asfixiado até a morte por um policial branco, em Mineápolis, Minnesota, Estados Unidos da América (EUA). A morte de Floyd gerou inúmeras manifestações antirracismo não só nos EUA como em

¹ Doutoranda em Ciência da Informação no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação PPGInfo-UDESC, Graduada em Biblioteconomia com Habilitação em Gestão da Informação pela Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC. Email: Karianeregina@hotmail.com

² Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação PPGInfo-UDESC, Graduada em Biblioteconomia com Habilitação em Gestão da Informação pela Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC. Email: morenaporto@gmail.com

³ Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal do Paraná (1983), mestrado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (1999) e doutorado em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (2008). Atualmente é professora concursada (efetivo) pesquisadora e extensionista na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Email: taniaunglaub@gmail.com

muitos outros países, por meio do movimento *Black Lives Matter*. As manifestações além de reivindicarem uma nova formulação nas abordagens policiais, incitou diversos debates sobre racismo.

Em uma das manifestações, realizada na cidade inglesa de Bristol, os manifestantes derrubaram e afundaram a estátua do mercador de escravos e escravocrata Edward Colston, no dia 7 de junho de 2020. A derrubada da estátua impulsionou o repensar sobre outros monumentos e símbolos escravocratas. Com essa reação, cidades e estados passam a rever as representatividades dos seus monumentos. “O prefeito de Londres, Sadiq Khan, anunciou no dia 9 de junho de 2020, a criação de uma comissão para revisar os monumentos públicos e ‘garantir que os marcos da capital reflitam adequadamente as realizações e a diversidade’ da cidade.” (CERIONI, 2020, online). O debate sobre monumentos e símbolos em outros países repercutiu e ganhou força no Brasil.

Mais precisamente, em agosto de 2021, na Praça Augusto Tortorelo de Araújo, na cidade de São Paulo, o monumento em homenagem ao bandeirante Borba Gato foi incendiado em forma de protesto, devido ao seu histórico, de escravizar indígenas e negros, estuprar mulheres e dizimar povos e culturas, em suas incursões pelo interior do país (BACKES; TOMAZ, 2021). Esse ato reacendeu a discussão sobre monumentos controversos no Brasil.

O sul do país, por sua forte colonização alemã, italiana e portuguesa, sempre teve sua imagem associada ao branco europeu, deixando de lado a história e cultura dos povos indígenas e dos negros escravizados. Florianópolis, ou também chamada de Ilha de Santa Catarina, cidade conhecida pela colonização açoriana, do mesmo modo carrega o silenciamento sobre as minorias que ajudaram a construir sua história.

Pensando nesse contexto, como essa questão internacional repercute para o movimento antirracista em Florianópolis? Nesse entendimento, focamos a Praça XV de Novembro, identificada como um lugar de memória e um monumento que foi o eixo de criação e testemunha da história da cidade e do estado. A Praça é vista como essência da cidade que se ergueu em torno dela. Por isso, esse monumento representa a memória coletiva dos cidadãos florianopolitanos.

Praças são construídas em locais estratégicos, com o objetivo de criar ambientes de lazer aos habitantes das cidades. Além disso, são espaços propícios para disposição de monumentos, principalmente estátuas e bustos que são construídos em homenagem aos feitos dos personagens por eles representados, considerando seu contexto histórico. Em cada época

os homens constroem representações para conferir sentido ao real, tornando difícil estabelecer separações entre instâncias do real e do imaginário (UNGLAUB, 2008), porque através da apropriação e controle dos símbolos pode haver dominação.

Assim, a Praça XV de Novembro guarda não só histórias singelas da construção da cidade, mas também possui em seu interior alguns monumentos, que podem ser examinados como fontes de informações, com olhar crítico e reflexivo. O que contam esses monumentos? Que narrativas de práticas sociais eles nos permitem conhecer? Quais as contradições que podem emergir desses monumentos? Estes suportes de memória, trazem consigo histórias, acontecimentos, lembranças, memórias, pois estão imbuídos de significados e representações que vão além de sua situação original (cf. UNGLAUB, 2008). Ou seja, podem significar orgulho para um grupo, bem como tristeza para outro. Por isso é importante examinar as memórias além do aparente.

Muitas estátuas disponibilizadas em locais públicos foram construídas com mão de obra escrava num período de segregação racial. Ao conhecer como e porque foram construídos esses artifícios de memória, será mais fácil propiciar um debate em torno deles para ensinar e conscientizar sobre como as atitudes afetam o percurso da história e da sociedade. Não é possível mudar o passado, mas é possível ter ações diferentes para transformar o futuro.

Portanto, torna-se importante repensar os espaços que nos cercam e procurar escutar as narrativas ali silenciadas. Os debates em torno de monumentos escravagistas, suscitados pelas manifestações ocorridas, despertam olhares em diversas áreas da ciência.

Na Ciência da Informação, tal debate remete aos estudos sobre a memória e seus suportes como fontes de informação, visto que as fontes, como afirmam Araújo e Fachin (2015), podem ser documentos, pessoas, instituições, ou qualquer coisa que tenha a característica de informar algo para alguém. A Praça XV de Novembro conta diversas histórias àqueles que por ela passam, tornando-se uma fonte de informação aberta, proporcionando debates sobre a representação de fatos e o silenciamento de muitas narrativas.

Portanto, este artigo faz parte de uma pesquisa que visa, por meio da Praça XV de Novembro, tecer reflexões sobre uma história que está no silêncio do esquecimento. Silêncio este que encobre a história e a memória das minorias de Florianópolis.

Os caminhos metodológicos utilizados seguem os pressupostos da pesquisa bibliográfica e descritiva, com abordagem exploratória in loco, fundamentada em estudos

sobre memória, lugares de memória e monumentos, além de obras que discutem fontes de informação não bibliográficas. O corpus investigativo selecionado nessa Praça é composto pelo Monumento aos voluntários catarinenses na Guerra do Paraguai bem como os bustos de Cruz e Souza, José Boiteux, Victor Meirelles e Jerônimo Francisco Coelho.

2 PRAÇA XV SALVAGUARDANDO MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DE FLORIANÓPOLIS

Considerada como um lugar de memória, representação de uma memória coletiva e um monumento, a Praça XV retrata as lembranças/memórias de um coletivo que narra sua história. Segundo Pierre Nora (1993, p.7) “Há locais de memória porque não há mais meios de memória.”. Dessa maneira, estão consagradas na Praça memória e história como conceitua o autor,

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. [...] A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. [...] a história é uma representação do passado. (NORA, 1993, p. 9, grifo nosso).

A história é uma análise intelectual e científica que realiza a interpretação do passado procurando restaurar memórias. Compreendendo este restauro advindo de um processo coletivo, as memórias então são entendidas como base da construção de histórias, tais quais a história de Florianópolis.

Maurice Halbwachs (1990, p. 57) aborda o conceito de Memória Coletiva, no entendimento de que a memória coletiva ao se utilizar das lembranças possibilita a criação de datas e definições de acontecimentos que marcaram a sua comunidade, ou em torno de um grupo ‘vencedor’, “Por certo, se a memória coletiva não tivesse outra matéria senão séries de datas ou fatos históricos, ela não desempenharia senão um papel secundário na fixação de nossas lembranças.”

Sendo a Praça XV um lugar de memória coletiva, ela tenta imprimir uma continuidade temporal entre o presente e o passado. Entendida também como um monumento, vem a ser um símbolo de narrativa que tenta definir e reforçar sentimentos de pertencimento à capital do estado, e por sua vez com toda a história que ali está abarcada. Essa praça está localizada no centro da cidade de Florianópolis, município cercado por cidades satélites, e,

portanto, possui intensa circulação de pessoas, tornando-se palco da construção de memórias individuais e coletivas.

Compreendendo a Praça XV como um monumento, Le Goff (2013, p. 486) assim descreve: “O monumento tem como características o ligar-se ao poder de perpetuação, voluntária ou involuntária, das sociedades históricas (é um legado a memória coletiva) e o reenviar a testemunhos [...]”.

Além de ser considerada um monumento, a Praça XV é entendida como um lugar de memória. Para Nora (1993), lugares de memória são como rastros de memória, materializados na forma de instituições/monumentos que salvaguardam aquilo que deve ser lembrado, pois é preciso lembrar ao homem aquilo que ele não deve esquecer. Para o autor os lugares de memória têm a função pedagógica de exercer o papel de lembrar e evitar o esquecimento.

Nesse contexto, Carvalho (2019) descreve as lembranças de mulheres negras de Florianópolis sob a perspectiva do não esquecimento. Compartilhando suas memórias mais antigas as entrevistadas relatam um passado que protagonizou um dos piores momentos ocorridos na cidade e mais propriamente na Praça e em seus arredores.

Dona Iracy elucida a percepção a respeito da relação entre negros e brancos, que assim permaneceu durante anos, resultando em divisão das ruas e entradas em locais públicos, além do racismo e discriminações raciais sofridos cotidianamente. Um exemplo da divisão de ruas encontra-se na Praça XV de novembro. Sandra diz que dona Ada narrava que “tinham os dois lados [...], ela me contava que um lado só podia andar negro e o outro lado branco, jamais poderia cruzar a rua”. (CARVALHO, 2019, p. 93).

Consolidada como um monumento constituído para prestar homenagens simbólicas a eventos e personalidades de Santa Catarina e Florianópolis, também consagrou movimentos perversos na história da cidade. Sendo assim, a Praça XV transforma-se num lugar de ritualidade simbólica para as experiências já vividas e as que serão constituídas, com o intuito de vencer o esquecimento, para que erros do passado não tornem a se repetir.

3 A PRAÇA COMO FONTE DE INFORMAÇÃO

Informação é algo que rodeia o nosso dia a dia. Está nos livros, nos periódicos, nas monografias, e também, nos filmes, nas músicas, nas fotografias, nos depoimentos, etc. De acordo com Zhang Yuexiao (1988 apud PAIVA, 2014), não há um conceito singular, mas uma série de conceitos complexos sobre o que é informação. Sendo assim, podemos

considerar tudo como fontes de informação, “[...] dependendo da natureza da necessidade informacional que se apresente.” (MORIGI; BONOTTO, 2004, p. 143).

Segundo Cunha e Cavalcanti (2008), fontes de informação são a origem física ou o lugar onde a informação pode ser encontrada, seja ela em uma pessoa, uma instituição ou um documento. Baggio, Costa e Blattmann (2016, p. 33) alegam que “[...] as fontes de informação aparecem como uma ferramenta que auxilia na recuperação de informações para usuários inseridos em diferentes contextos.”.

Apesar de ainda ser influenciado pelo predomínio da racionalidade instituída pela ciência moderna, qualificando somente o científico como conhecimento, no âmbito acadêmico a resistência em relação a fontes não bibliográficas vem diminuindo cada vez mais. O mundo cotidiano no qual a ciência se encontra influencia no seu desenvolvimento. Então, porque não reconhece-lo como parte da ciência? Porque não considera-lo uma fonte de informação? Silva (1999, p. 109) afirma que “o surgimento de novos valores científicos, ocorrem não só através de novos caminhos abertos pela produção do conhecimento, mas também por força da interação entre eles e o ambiente no qual se situam.” Sendo assim, como atenta Ginzburg (2006), o fato de uma fonte não ser objetiva não a torna inutilizável.

A Ciência da Informação, embora inicialmente restrita à comunicação científica, se flexibiliza cada vez mais à novas formas de produção e circulação da informação. Pesquisas com abordagens em narrativas, contexto social e cultural do sujeito, por exemplo, trazem novos ares a uma área até então tecnicista.

As referências encontradas neste trabalho mostram uma variedade de fontes não bibliográficas que podem fazer ciência. Exemplos disso são as pesquisas dos autores, Morigi e Bonotto (2004) que trabalham com a narrativa musical como processo de produção do conhecimento, bem como a autora Paiva (2014), que discorre sobre fontes de informação a partir de narrativas indígenas.

A riqueza das histórias que permeiam uma praça podem fazer dela uma valiosa fonte de informação, dependendo da forma como os relatos são apresentados. São fontes acessíveis àqueles que passam por ela, trazendo valores culturais e históricos da cidade, que atravessam gerações.

Conforme Vieiro e Barbosa Filho (2009, p. 3) “A praça pode ser definida, de maneira ampla, como qualquer espaço público urbano, livre de edificações que propicie convivência e/ou recreação para os seus usuários.” Pública, democrática e social são definições associadas

a esses lugares. Agnoli (2009) chega a dizer que praças são o motor da democracia. Contudo, esse espaço público nem sempre significou espaço de todos. Até o século XVIII as praças eram arquitetadas para o entorno de palácios e não inseridas no contexto urbano. A construção de praças no Brasil colonial, por exemplo, tinha como objetivo a subjeção de ordem, com edificações de pelourinhos para expor e castigar escravos desobedientes e fujões (LAMB; CUNHA, 2016). Borges (2011) aponta que os diferentes usos e o processo histórico de formação urbana indicam o quanto esses espaços se tornaram heterogêneos e complexos.

Considerar praças como fontes de informação, é atentar para a disposição de toda informação ali disponibilizada, buscando fazer desse espaço um ambiente de aprendizagem, e não só de estética, de forma acessível e compreensível a todos os que por ela passam. Tratar a Praça XV como uma fonte de informação é prezar não só pela origem da cidade de Florianópolis, mas por todas as histórias que dela fizeram parte. Para isso é preciso se atentara às narrativas que ali foram esquecidas e silenciadas.

4 A PRAÇA E SUAS REPRESENTAÇÕES

Praças e monumentos não fazem parte só da arquitetura de uma cidade, mas representam, também, a memória e a identidade de uma sociedade. Esses documentos/monumentos estão carregados de significações e representações da realidade, no sentido utilizado por Roger Chartier (1990), pois “constroem um sentido, resultado organizado de informações e atitudes de seu sujeito” (CHARTIER, 1990, p. 27). Esses artefatos são suportes de informação que carregam histórias, muitas vezes contraditórias, que perpassam por gerações.

A história da Praça XV não é precisa quanto a sua formação e inauguração. No entanto, foi a partir desse local que a cidade de Florianópolis, inicialmente conhecida como Vila de Nossa Senhora do Desterro, se expandiu com a chegada de Francisco Dias Velho no ano de 1662 (GONÇALVES et al, 2009; PREFEITURA DE FLORIANÓPOLIS, 2021; RESENDE, 2018). Assim como a cidade, a Praça teve alterações em seu nome ao longo do tempo. Foi denominada primeiramente como Largo da Matriz, depois Largo do Palácio, em seguida Praça Barão de Laguna, para só depois se tornar Praça XV de Novembro (PREFEITURA DE FLORIANÓPOLIS, 2021).

Conhecida pela sua vasta vegetação, especialmente pela figueira centenária, a Praça XV foi cenário de diversos momentos da história da cidade, incluindo o período escravagista.

Zimmermann (2010) afirma que, no século XIX, a praça representava o único espaço de lazer para a população florianopolitana. No entanto, por determinação do decreto nº 066, de 08 de abril de 1891, o local foi cercado por grades de ferro, com horários controlados para visitação do público (ARQUIDIOCESE DE FLORIANÓPOLIS, 2018, n.p.). As grades e os quatro portões, distribuídos entre os lados, tornavam a “[...] praça um lugar elitizado, afastando-se do seu principal atributo, o de ser um espaço público aberto a toda a população.” (ZIMERMANN, 2010, p. 98).

Gonçalves et al (2009) relatam que tal decreto reforçou as divisões étnicas da cidade. Os autores contam que havia também uma forte presença de quitadeiras nos arredores da Praça, e que no período republicano os bancos dispostos ao longo do jardim serviam como passeio para namoros dos mais abastados, enquanto nas calçadas circulava o “segundo time”,

[...] isto é, as empregadinhas, as garotas mais pobres, as criulinhas dos morros, que também faziam o seu ‘curso’, enquanto os soldados, os marinheiros, os operários, os cidadãos [sic] de menor potencial econômico, mas não amoroso, ficavam de pé junto ao meio fio aguardando a passagem das bonecas, para um ‘dito’, um cumprimento, um encontro marcado através de um código especial – enfim – a paquera da época. (CABRAL, s. d. *apud* GONÇALVES *et al*, 2009).

A história da Praça XV, assim como a da cidade de Florianópolis, foi moldada por uma construção do coletivo hegemônico, ‘o grupo vencedor’, que por muito tempo foi protagonista das histórias da Ilha de Santa Catarina. Pesavento (2003), afirma que a história é construída sob a base de uma memória histórica, oriunda das memórias de um grupo, de um coletivo.

A História trabalha, assim, com um acúmulo de possíveis, com a pluralidade de pontos de vista, o que a situa no campo da ambivalência: ser isso e aquilo ao mesmo tempo, podendo um fato ter mais de uma versão, dotada cada uma da sua lógica própria sem que uma delas deva ser, necessariamente, mentirosa. (PESAVENTO, 2003, não paginado).

A história pode não ser necessariamente mentirosa, mas ela pode ser moldada e exposta a fim de atender interesses seletivos. Sendo a história uma representação do passado deveria ser feita de forma crítica com respaldo teórico e metodológico e passar por uma rigorosa avaliação. Contudo, a história fadou grupos e povos, a um lugar de inferioridade social.

Por fazer parte do sul do Brasil, Santa Catarina, projeta-se no imaginário (vende-se) com a imagem de um estado europeu, por conta das colonizações alemãs, italianas e açorianas. Em Florianópolis, de acordo com Ferreira (2018), a chegada dos açorianos no

século XVIII, entre os anos de 1748 e 1754, se deu devido à confusa demarcação de terras no Tratado de Tordesilhas, tornando a cidade conhecida pela sua cultura açoriana. No entanto, a construção de Santa Catarina bem como de Florianópolis deve-se, também, a grupos oriundos de diversas nacionalidades, não só europeias, que durante anos foram esquecidas e silenciadas na história do sul do Brasil.

Freitas (2001) data a possível chegada dos primeiros negros em Florianópolis também no século XVIII, possivelmente no ano de 1775. A autora realizou a investigação na documentação do arquivo Público do Estado, entretanto, destaca que a pesquisa só encontrou dados referentes a solicitações perante a corte localizada no Rio de Janeiro. Por isso, não é possível afirmar que foi em 1775 que chegaram os primeiros negros na ilha de Desterro; apenas se pode afirmar que sua chegada foi documentada nesse ano. Isto porque não era necessário informar quantas “peças” se destinavam ao povoamento no sul do Brasil. Sendo assim, a chegada e história dos negros no sul foi silenciada para então ser esquecida.

Nesse entendimento, Pollak (1989) ao versar sobre o silêncio do esquecimento, discorre sobre o ocorrido na Praça Vermelha, quando os despojos de Stalin foram de lá retirados, após uma reviravolta de consciência da visão histórica sobre os terríveis feitos dele para a humanidade, sendo então destruídos todos os símbolos que o referenciavam.

Na Praça XV o Monumento aos voluntários catarinenses na Guerra do Paraguai é uma representação de um desses símbolos questionáveis. O monumento é um monólito⁴ de quatro faces que possui inscrições, sendo que uma delas menciona a homenagem do 5º Batalhão de São Paulo, acantonado em Florianópolis, ao Coronel Fernando Machado e voluntários catarinenses na Guerra do Paraguai.

Em outra face do monólito consta uma placa com a mensagem “Abençoada a pátria que não se esquece dos seus filhos” referindo-se aos tenentes e alferes mortos durante aquela guerra.

⁴ Obra ou monumento elaborado ou esculpido em um só bloco de pedra. (MICHAELIS, 2021).

Figura 1 - Monumento aos voluntários catarinenses na Guerra do Paraguai



Fonte: Arquivo das autoras, 2020.

O monumento encontra-se na parte central da Praça, tendo em seu espaço interno pequenos jardins e os quatro bustos que veremos mais adiante. Durante a visita foi possível observar que devido à ação do tempo o monumento está com a legibilidade comprometida, contudo, percebe-se uma homenagem ao grupo de voluntários. Observamos nas descrições apenas patentes de oficiais das forças armadas como tenentes e alferes.

Os voluntários catarinenses da sanguinária guerra do Paraguai, de acordo com Kraay (2012, p. 140) foram compostos em sua maioria por pobres e escravizados, que foram alistados em sua maioria por ordem de seus senhores. “Como já vimos, apresentar-se como voluntário raramente foi uma decisão individual, e os voluntários normalmente apresentavam-se em grupos, com frequência sob a liderança de um patrão”. (IDEM, p.140). Dessa maneira, talvez os homenageados em uma dessas faces do monumento sejam os senhores de escravos que ‘voluntariamente’ cederam suas ‘peças’ para compor o exército brasileiro na guerra. Muitos dos escravos voluntários na guerra do Paraguai tiveram a promessa de que ao regressarem lhes seria conferida a liberdade através da alforria. Foram “falsas promessas”, sendo que os poucos que retornaram foram enganados e regressaram para o seu martírio (KRAAY, 2012).

Sendo o Monumento aos voluntários catarinenses na Guerra do Paraguai, uma homenagem contraditória referente a um período da história nacional, como se dá a compreensão do seu entendimento aos cidadãos de Florianópolis? Como uma fonte sólida de informação esse monumento representa o que Pollak (1989, p. 5) infere como, “O longo

silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais.”.

O silêncio de um passado cruel, concebido por uma história de memórias selecionadas, causou e ainda vêm causando um grande distúrbio social, dentre eles o racismo. E apenas quando esse silêncio é quebrado, e as vozes oprimidas são ouvidas, é que se pode, então, construir uma história. Pois,

Ainda que quase sempre acreditem que "o tempo trabalha a seu favor" e que "o esquecimento e o perdão se instalam com o tempo", os dominantes freqüentemente [sic] são levados a reconhecer, demasiado tarde e com pesar, que o intervalo pode contribuir para reforçar a amargura, o ressentimento e o ódio dos dominados, que se exprimem então com os gritos da contraviolência [sic]. (POLLAK, 1989, p. 9).

Em contraponto ao monumento mencionado encontra-se na Praça o busto do poeta Cruz e Souza. O monumento em homenagem a Cruz e Souza representa o reconhecimento da cidade ao poeta precursor do movimento simbolista no Brasil. Contudo, a homenagem é resultado do movimento de um pequeno grupo de escritores e jornalistas, que após 25 anos de sua morte encomendou, em abril de 1923, uma herma com seu busto, que inicialmente esteve localizada na Praça Benjamin Constant, para posteriormente ser transferida para a Praça XV (SANTA AFRO CATARINA, 2013, n. p.).

Figura 2 - Busto do poeta Cruz e Souza



Fonte: Arquivo das autoras, 2020.

O busto do Poeta Cruz e Sousa está disposto na praça de frente ao palácio que leva seu nome. O Palácio Cruz e Sousa, localizado do outro lado da rua, é a sede do Museu

Histórico de Santa Catarina desde 1986. Cabe ressaltar que a parede lateral do museu que está de frente para a Praça, contém, desde 2019, um painel de grafite com imagem do Poeta.

De acordo com Espíndola (2006), João da Cruz e Sousa representa a minoria de Florianópolis. Negro, filho de uma escrava liberta e pai escravizado, até os seus dois anos de idade Cruz e Souza foi mais uma vítima das mazelas do racismo. O estudo e o letramento que o poeta possuía não impediu que lhes fossem restritos os louros dos anos de dedicação aos estudos,

[...] o poeta chegou a receber indicação para promotor público em Laguna, mas foi impedido de assumir o cargo diante das manifestações contrárias daquela cidade. Segundo seus biógrafos uma comissão representando os interesses daquela cidade se dirigiu ao presidente Gama Rosa contestando sua escolha, o motivo do protesto, segundo os memorialistas, não estava na questão do mérito, mais sim na cor do indicado. (ESPÍNDOLA, 2006, p. 64 - 65).

Desta maneira, a homenagem ao poeta na praça central de Florianópolis, não só abarca a história de uma pessoa reconhecida pelo movimento artístico, mas também representa a história de todo um coletivo representado por minorias que são silenciadas e, por consequência, relegadas ao esquecimento. Pollak (1989), afirma que a história ao privilegiar, também, os grupos excluídos e marginalizados integra culturas à “memória oficial”, possibilitando a construção do que seria a memória nacional.

Sendo a Praça XV esse receptáculo da história de uma sociedade, ela contempla também os períodos mais cruéis e perversos de uma minoria. Minoria esta, que hoje vêm ecoando os gritos da contra violência, por uma sociedade justa e igualitária perante todas as raças. Para não cair no esquecimento e no silêncio precisamos falar sobre as representatividades tendenciosas na Praça XV, para que não voltemos a cometer os mesmos erros do passado.

Nesse entendimento, além dos monumentos em homenagem à Guerra do Paraguai e ao Poeta Cruz e Souza, compõem a Praça XV outras hermas que representam personalidades catarinenses, sendo elas os bustos de: José Boiteux, jornalista, historiador, advogado e deputado estadual. Considerado patrono do ensino superior em Santa Catarina, e que fundou a Sociedade Catarinense de Letras; Victor Meirelles, pintor, que tem como uma de suas obras mais conhecidas, “A Primeira Missa no Brasil”; e, Jerônimo Francisco Coelho, jornalista, político e militar, que fundou “O Catharinense”, o primeiro jornal da então província de Santa Catarina, além de ter sido deputado seis vezes e ministro da Marinha (MARTINS, 2011).

Figura 3 - Bustos de Victor Meirelles, José Boiteux e Jerônimo Coelho



Fonte: Arquivo das autoras, 2020.

Os bustos circundando o Monumento aos voluntários catarinenses, cada um em uma ponta da praça. No momento da visita eles estavam ornamentados com máscaras em alusão à pandemia COVID-19.

Na visita de campo foi observado que na Praça está representada a cultura açoriana por meio da pavimentação de seus passeios com pedra portuguesa ou mosaico de petit pavé, criado pelo artista plástico Hassis, artista de renome em Florianópolis. Em 2014, a pavimentação foi tombada como patrimônio histórico pelo decreto Nº 12.855, de 20 de março, “Considerando o valor histórico, artístico e cultural dos desenhos de Hassis, pela harmonia da composição dos painéis, por expressarem o homem em seu cotidiano e a paisagem local,” (FLORIANÓPOLIS, 2014, n.p.

Figura 4 – Placa sobre a pavimentação em pedras portuguesas, Hassis



Fonte: Arquivo das autoras, 2020.

O pavimento, construído nas cores preta e branca, apresenta ao longo da Praça desenhos inspirados no folclore e na vida cotidiana de Florianópolis, como a brincadeira de cabra-cega, o pescador, a rendeira, a Maricota e o boi de mamão. A placa com a descrição da obra inclui, também, azulejos com a reprodução dos desenhos.

De acordo com a pavimentação o cotidiano do homem de Florianópolis está representado apenas pelos atos culturais dos açorianos, excluindo as culturas africanas e indígenas, povos estes que contribuíram para a cultura florianopolitana como conhecemos atualmente.

Outro ponto importante observado na visita de campo foi a disposição em que os monumentos se encontram, sendo o monólito a Guerra do Paraguai no centro e os bustos ao seu redor, o que destaca o monólito e faz das hermas coadjuvantes na Praça. Entretanto é importante destacar que as hermas podem passar despercebidas pelos transeuntes da Praça, pois estão em meio a vegetação o que dificulta a sua visualização, sendo apenas a herma com o busto de Jerônimo Coelho localizada em lugar de destaque e de fácil visualização.

O estado físico dos monumentos e as informações contidas neles são insuficientes para compreendê-los. Devido a ação do tempo, a falta de conservação e mais dados referentes à suas histórias, os monumentos não proporcionam informações que os definam. Note-se que

na herma com o Busto de Cruz e Souza não há nenhuma informação que o defina como poeta, tampouco o que ele representa para Florianópolis⁵. São fatores como estes que tendem a facilitar o processo de esquecimento de histórias e pessoas do passado.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As manifestações iniciadas com o movimento *Black Lives Matter*, organizadas em alguns países, e mais recentemente o protesto contra o monumento do bandeirante Borba Gato, tem provocado reflexões sobre a importância de o Estado rever a prática de permear na sociedade o enaltecimento às figuras controversas. Nesse sentido, observar a Praça XV de Novembro é um ato que também deve se incluir neste repensar.

A praça é um espaço público, que tem a função pedagógica de um lugar de memória, possibilitando o conhecimento de histórias que não deveriam ser esquecidas. Repensar as representações que a constituem é compreender qual história nos foi contada, e principalmente quais histórias foram silenciadas.

A Praça XV é um dos maiores símbolos da cidade de Florianópolis. Apesar de não ter mais as restrições de outrora, ainda hoje suas representações são menções de uma história fragmentada e tendenciosa, percebida pela exclusão de grupos e culturas importantes na construção da cidade e da sociedade florianopolitana. Isso pode ser constatado pelas escolhas das representações de homenagens feitas por grupos hegemônicos diretamente ligados ao poder.

Nesse exercício do lembrar existe o movimento *Street Art Tour*⁶, que reconhece personagens e a história da cidade, com representações históricas até então não vistas. Trata-se de um movimento de valorização e produção da arte urbana de Florianópolis através do grafite, este que até pouco tempo era considerada uma arte marginalizada, muitas vezes vista como pichação. Contudo é um movimento que vem da “marginalidade” para expor as minorias e contar histórias da cidade e do estado antes não enaltecidas.

Vista como fonte de informação, a Praça XV pode ser considerada incompleta, pois embora seja uma fonte em um espaço público, omite as minorias. Isso se torna mais relevante

⁵ Destacamos que em outras referências encontradas, consta o busto de Cruz e Souza com dados que o referenciavam como poeta. No momento da nossa pesquisa em campo, realizada no dia 6 de agosto de 2020, o monumento encontrava-se como na figura 2, sem muitas informações.

⁶ *Street Art Tour* é um projeto que fomenta a arte urbana, compondo um museu a céu aberto na cidade de Florianópolis. Para conhecer o projeto acesse: <https://www.streetarttour.com.br/>

diante da constatação de que suas informações estão acessíveis a todos, podendo gerar uma visão coletiva limitada. Segundo Araújo e Fachin (2015), fonte de informação é o que possibilita ampliarmos a visão sobre o mundo e as coisas que estão à nossa volta. Sendo assim, quais as informações que a Praça disponibiliza para o seu público?

Com a visita in loco, pudemos observar que os monumentos da Praça XV estão defasados em relação à informação, criando lacunas para a construção do conhecimento sobre a história da cidade, seja para o transeunte, turista, ou pesquisador que por ela passa e dela usufrui, fazendo desse espaço um ambiente de estética, e não de aprendizagem.

A Praça XV de Novembro, identificada como um lugar de memória e monumento de um coletivo social torna-se para o movimento antirracista de Florianópolis um espaço essencial para o exercício do repensar a história da cidade. Pois nela prevalece a cultura açoriana e as histórias dos grupos “vitoriosos”, os mesmos que por séculos foram responsáveis pela derrocada e esquecimento de povos e civilizações.

REFERÊNCIAS

AGNOLI, A. **Le piazze del sapere**: Biblioteche e libertà. Roma: Laterza, 2009.

ARQUIDIOCESE DE FLORIANÓPOLIS. **Praça XV**: o coração de Florianópolis. o coração de Florianópolis. 2018. Disponível em: <https://arquifln.org.br/noticias/praca-xv-o-coracao-de-florianopolis/>. Acesso em: 24 maio 2021.

ARAÚJO, Nelma Camêlo; FACHIN, Juliana. Evolução das fontes de informação. **BIBLOS** - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, v. 29, n. 1, 2015. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/23206>. Acesso em: 4 ago. 2020.

BACKES, Beatriz; TOMAZ, Kleber. STJ decide soltar suspeito de atear fogo na estátua de Borba Gato em SP. **G1**. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/08/05/stj-decide-soltar-suspeito-de-atear-fogo-na-estatuade-borba-gato.ghtml>. Acesso em: 05 ago. 2021.

BAGGIO, Claudia Carmem; COSTA, Heloisa; BLATTMANN, Ursula. Seleção de tipos de fontes de informação. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, João Pessoa, v. 6, n. 2, p. 32-47, jul./dez. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/pgc/article/view/26798/16520>. Acesso em: 9 ago. 2020.

BORGES, Evaldo do Nascimento. **As praças públicas no centro de Ilhéus – BA**: usos, funções e conflitos sociais. 2011. 178 f. Dissertação (Mestrado em geografia na área de análise ambiental e dinâmica territorial) - Instituto de Geociências, Universidade Estadual De Campinas, Campinas, 2011. Disponível em:

http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/CAMP_1c2555d373787797200147f8eabd5088. Acesso em: 9 ago. 2020.

CARVALHO, Carol Lima de. **Trajórias de mulheres negras em Florianópolis:** transmitindo entre oralidades e letramentos. 2019. 171 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Estudos Pós-Graduados em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019.

CERIONI, Clara. Londres reverá monumentos após protesto contra estátua de escravocrata. 2020. **Exame**. Disponível em: <https://exame.com/mundo/londres-vai-rever-monumentos-protesto-estatuatraficante-escravos/>. Acesso em: 29 jul. 2020.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural:** Entre Práticas e Representações. Lisboa: DIFEL, 1990. p. 27.

CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. **Dicionário de biblioteconomia e arquivologia**. Brasília: Briquet de Lemos, 2008.

ESPÍNDOLA, Elizabete Maria. **Cruz e Sousa:** Modernidade e mobilidade social nas duas últimas décadas do século XIX. 2006. 131 f. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

FERREIRA, Sérgio Luiz. 270 anos da presença Açoriana em Santa Catarina. 2018. **IDES**. Disponível em: <https://www.ides-sc.org.br/post/presencaacoriana>. Acesso em: 08 ago. 2020.

FLORIANÓPOLIS. **Decreto n. 12.855, de 20 de março de 2014**. Tomba, Como Patrimônio Histórico, Artístico A Pavimentação em Pedra Portuguesa, Contendo Quarenta e Sete Painéis Artísticos, de Aatoria do Artista Plástico Hassis, Existentes na Praça XV de Novembro, Florianópolis, SC. Disponível em: <http://leismunicipa.is/obrtp>. Acesso em: 08 ago. 2020.

FREITAS, P. Algumas pistas sobre o negro no período colonial através da documentação do arquivo público do estado de Santa Catarina. **Ágora**, v. 16, n. 33-34, p. 58, 2001. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/13673>. Acesso em: 20 ago. 2020.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**. São Paulo: Cia. das Letras, 2006.

GONÇALVES, Janice *et al* (org.). **No fio da memória:** caminhadas de registro fotográfico, Roteiro 8. Projeto de extensão. Florianópolis: LABPAC/UDESC, 2009. Disponível em: http://www.labpac.faed.udesc.br/caminhada8_roteiro.pdf. Acesso em: 17 jul. 2020.

HALBAWCHS. Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Vértice, 1999.

KRAAY, Hendrik. Os companheiros de Dom Obá: os zuavos baianos e outras companhias negras na Guerra do Paraguai. **Afro-Ásia**, Salvador, n. 46, p. 121-161, 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0002-05912012000200004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 05 ago. 2020.

LAMB, Nairo Venício Wester; CUNHA, Lucas Lopes. O papel das praças públicas na consolidação da função social da cidade: análise da sua contribuição na evolução urbanas ob um viés histórico. *In: SEMINÁRIO NACIONAL DEMANDAS SOCIAIS E POLÍTICAS PÚBLICAS NA SOCIEDADE CONTEMPORANEA*, 13., Santa Cruz do Sul. **Anais eletrônicos [...]** Santa Cruz do Sul: UNISC, 2016. Disponível em: <https://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/snpp/article/view/14630/3536>. Acesso em: 9 ago. 2020.

LE GOFF, Jacques. **História & memória**. Tradução de Bernardo Leitão, Irene Ferreira e Suzana Ferreira Boges. Campinas: Unicamp, 2013.

MARTINS, Anita. Quem são e onde estão os heróis que ganharam bustos e estátuas em Florianópolis. 2011. **Nd+ notícias**. Disponível em: <https://ndmais.com.br/noticias/como-estao-os-herois-homenageados-em-florianopolis/>. Acesso em: 05 ago. 2020.

MICHAELIS. **Dicionário brasileiro da língua portuguesa**. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/>. Acesso em: 27 maio 2021.

MORIGI, Valdir José; BONOTTO, Martha E. K. Kling. A narrativa musical, memória e fonte de informação afetiva. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 143-161, jan./jun. 2004. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/88>. Acesso em: 4 ago. 2020.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Khoury. **Projeto História**, São Paulo, n.10, p. 07-28, dez. 1993. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/12101/8763>. Acesso em: 02 jun. 2020.

PAIVA, Eliane Bezerra. Conceituando fonte de informação indígena. **Informação & Sociedade**, João Pessoa, v. 24, n.1, p. 61-70, jan./abr. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/16472>. Acesso em: 4 ago. 2020.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista estudos históricos**, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278>. Acesso em: 30 jul. 2020.

PREFEITURA DE FLORIANÓPOLIS. Secretaria Municipal de Turismo, Tecnologia e Desenvolvimento Econômico. **Praça XV de novembro**. Disponível em: <http://www.pmf.sc.gov.br/entidades/turismo/index.php?cms=praca+xv+de+novembro>. Acesso em: 24 maio 2021.

RESENDE, Maicon. **Engenhos do Sertão do Ribeirão**: memória e patrimônio. Florianópolis: Edição do autor, 2018.

SANTA AFRO CATARINA. **Busto de Cruz e Sousa**. 2013. Disponível em:
http://santaafrocatarina.ufsc.br/santaafrocatarina/?secao=acervo&i=87_1_. Acesso em: 05 ago. 2020.

SILVA, Junia Guimarães e. Ciência da Informação: uma ciência do paradigma emergente. *In*: PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro (org). **Ciência da Informação, ciências sociais e interdisciplinaridade**. Brasília: IBICT, 1999. Disponível em:
<https://livroaberto.ibict.br/handle/1/1000>. Acesso em: 4 ago. 2020.

UNGLAUB, Tânia Regina da Rocha. **O Poder do Canto ou o Canto do Poder? Um olhar sobre o uso do canto como prática pedagógica no estado de Santa Catarina num contexto autoritário (1937-1945)**. Florianópolis, 2008. 298p. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em História)–Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. Disponível em:
<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/91364?show=full>. Acesso em: 14 nov. 2020.

VIEIRO, Verônica Crestani; BARBOSA FILHO, Luiz Carlos. Praças públicas: origem, conceitos e funções. *In*: JORNADA DE PESQUISA E EXNTESÃO, 2009, Santa Maria. **Anais eletrônicos [...]** Santa Maria: ULBRA, 2009. Disponível em:
http://www.academia.edu/download/52912018/pracas_publicas_origem_conceitos_e_funcoes.pdf. Acesso em: 6 ago. 2020.

ZIMERMANN, Giovana Aparecida. **Arte Pública Em Florianópolis: a Praça XV como lugar praticado**. 2010. 162 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) - Programa de Pós-Graduação em Urbanismo História e Arquitetura da Cidade, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010. Disponível em:
<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/93596>. Acesso em: 24 maio 2021.

SQUARE XV AND ITS REPRESENTATIONS: information and memory of the history of Florianopolis

Abstract: *Square XV of November in Florianópolis, Santa Catarina (BR), tells several stories to those who pass through it. It is an open source of information, providing debates on the representation and the silencing of many. Thinking in this context, what can Square XV represent for the anti-racist movement in Florianópolis? This research aims, through the history of Square XV of November, to know a history that is in the silence of oblivion. This is a bibliographic and descriptive research, with an exploratory approach in loco, based on research on memory, places of memory and monuments, in addition to works that present non-bibliographic sources of information. The representations that make up the Square were identified through the Monument to Santa Catarina volunteers in the Paraguayan War and the busts of Cruz e Souza, José Boiteux; Victor Meirelles and Jerônimo Francisco Coelho. Observing Square XV of November as a public space, with the pedagogical function of a place of memory, enables the knowing of stories that should not be forgotten. Hence, it is necessary to rethink their monuments and what they represent. Therefore, to treat Square XV as a source of information is to consider, besides the history of Florianópolis' origin, everyone who was*

part of it. For that, it is necessary to pay attention to the narratives that were forgotten and silenced there and to make this space a learning environment, not only of aesthetics.

KEYWORDS: *Praça XV de Novembro in Florianópolis. Square XV of November in Florianópolis. Monuments. Information and Memory. Practices and representations. Information sources.*